

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Willian Marinho dos Santos**

**MOBILIZAÇÃO E PREPARO DA ARTILHARIA BRASILEIRA PARA A SEGUNDA  
GUERRA MUNDIAL**

**Resende  
2019**

Willian Marinho dos Santos

**MOBILIZAÇÃO E PREPARO DA ARTILHARIA BRASILEIRA PARA A SEGUNDA  
GUERRA MUNDIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**, sob orientação do Cel Eng Ref Carlos Roberto Peres.

Resende  
2019

**Willian Marinho dos Santos**

**MOBILIZAÇÃO E PREPARO DA ARTILHARIA PARA A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019:

Banca examinadora:

---

**Nome completo, Posto de graduação**  
(Presidente/Orientador)

---

**Nome completo, Posto de graduação**

---

**Nome completo, Posto de graduação**

Resende  
2019

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que guiou meus pensamentos e minhas decisões para a conclusão deste trabalho, para realizar meu sonho de tornar-me oficial do Exército Brasileiro e, também, aos meus pais que me auxiliaram a confeccionar meu trabalho com sugestões e com total apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me proporcionado a oportunidade de ter ingressado na AMAN e a força para nunca desistir nos momentos adversos durante a formação e que, dessa forma, pudesse concluir o curso de formação de oficiais.

Agradeço também a minha família que esteve sempre presente durante todo o curso e que me apoiou nos momentos bons e ruins. Vocês são os principais responsáveis por tudo que conquistei e por eu ser um homem feliz e realizado.

Ao meu orientador, por toda dedicação e esforço, destinando várias horas, até mesmo de tempo livre, para me auxiliar na confecção deste trabalho. Sem seu auxílio, nada disso seria possível.

## RESUMO

### MOBILIZAÇÃO E PREPARO DA ARTILHARIA BRASILEIRA PARA A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

AUTOR: Willian Marinho dos Santos

ORIENTADOR: Carlos Roberto Peres

A história militar brasileira confunde-se com a história do país, por isso é fundamental seu estudo, análise e conhecimento. Os fatos históricos do Exército Brasileiro são datados de sua origem, em Guararapes, até os dias atuais, com suas constantes atualizações.

Este trabalho está dedicado a verificar a evolução doutrinária antes do emprego da doutrina militar francesa, durante o período de atuação da Missão Militar Francesa até o emprego das tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial. O trabalho conta com uma visão geral do exército, mas se dedica, prioritariamente, ao estudo da arma de artilharia, abordando a doutrina, o material de emprego militar, o preparo e a mobilização de tropas.

A 2ª Guerra Mundial iniciou-se a partir das consequências da 1ª Guerra Mundial. A Alemanha teve muitos territórios subtraídos, direitos diminuídos e condenada a pagamento de indenização de guerra aos países vencedores; os alemães sentiram-se brutalmente lesados pelo Tratado de Versalhes. Assim, cresceu o sentimento de revanchismo no povo alemão, instabilidade da política nacional e inflação catastrófica. Hitler ascende ao poder pela conquista popular de seu discurso de luta pela superioridade alemã.

Apesar da criação da Liga das Nações, as tensões entre os países aumentam e políticas internacionais foram necessárias para evitar outro conflito. Entretanto, Hitler acabou por ignorar os acordos feitos com a Inglaterra, o que resultou no início da 2ª Guerra Mundial.

Enquanto isso, no Brasil, o Exército Brasileiro passava por mudanças em sua doutrina militar. Durante a 1ª Guerra Mundial, o Brasil empregava uma doutrina militar baseada no positivismo de Auguste Comte. Porém, esta doutrina já não era mais eficiente, pois a 1ª GM trouxe inúmeras novidades ao campo de batalha. A doutrina militar baseada no positivismo começou a ser questionada no exército, então a solução foi a utilização da doutrina militar francesa, pois foi um dos países vitoriosos na 1ª GM. Em 1919 foi instalada a Missão Militar Francesa e teve duração de 20 anos, com a cooperação de militares franceses no Brasil. Todavia, esta doutrina também passou a ser ultrapassada com o início da 2ª GM, pois a Alemanha havia invadido a França em poucos dias e conquistado sua capital sem muitos esforços.

Ao declarar guerra contra os países do eixo, o Brasil passa, então, a utilizar a doutrina e os materiais norte-americanos. Mobilizou tropas para a cidade do Rio de Janeiro e iniciou os adestramentos com a nova doutrina. As tropas brasileiras tiveram instruções no Brasil e na Itália, mas ocorreram problemas devido a falta de materiais, o que dificultava o preparo para a guerra.

Com esta pesquisa foi possível verificar as dificuldades enfrentadas pelo Exército Brasileiro em preparar as tropas para serem empregadas no teatro de operações da Itália.

**Palavras-chave:** Missão Militar Francesa. Doutrina militar brasileira. Mobilização. Preparo

## ABSTRACT

### MOBILIZATION AND PREPARATION OF BRAZILIAN ARTILLERY FOR THE SECOND WORLD WAR

AUTHOR: Willian Marinho dos Santos

ADVISOR: Carlos Roberto Peres

Brazilian military history is confused with the history of the country, so its study, analysis and knowledge are fundamental. The historical facts of the Brazilian Army are dated from its origin, in Guararapes, to the present day, with its constant updates.

This work is dedicated to verify the doctrinal evolution before the use of the French military doctrine, during the period of operation of the French Military Mission until the use of the Brazilian troops in the Second World War. The work counts on an overview of the army, but dedicates itself, as a matter of priority, to the study of the artillery weapon, approaching the doctrine, the material of military employment, the preparation and the mobilization of troops.

World War II began with the aftermath of World War I. Germany had many territories subtracted, rights diminished and condemned to payment of indemnification of war to the countries winners; the Germans were brutally harmed by the Treaty of Versailles. Thus, the feeling of revenge in the German people, instability of the national politics and catastrophic inflation grew. Hitler ascends to power by popular conquest of his speech of struggle for German superiority.

Despite the creation of the League of Nations, tensions between countries increased and international policies were needed to avoid another conflict. However, Hitler eventually ignored the agreements made with England, which resulted in the beginning of World War II. Meanwhile, in Brazil, the Brazilian Army was undergoing changes in its military doctrine.

During World War I, Brazil employed a military doctrine based on the positivism of Auguste Comte. However, this doctrine was no longer efficient, as the 1st WW brought many new features to the battlefield. The military doctrine based on positivism began to be questioned in the army, so the solution was the use of the French military doctrine, since it was one of the victorious countries in the 1st WW. In 1919 the French Military Mission was installed and lasted for 20 years, with the cooperation of the French military in Brazil. However, this doctrine also came to be overcome with the start of the 2nd WW, as Germany had invaded France in a few days and conquered its capital without much effort.

By declaring war on the Axis countries, Brazil then uses North American doctrine and materials. He mobilized troops to the city of Rio de Janeiro and began training with the new doctrine. Brazilian troops had instructions in Brazil and Italy, but there were problems due to lack of materials, which made preparation for war difficult.

With this research it was possible to verify the difficulties faced by the Brazilian Army in preparing the troops to be employed in the theater of operations of Italy.

**Keywords:** French Military Mission. Brazilian military doctrine. Mobilization. Preparation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Canhão Saint-Chamond 75 mm 1897.....	21
Figura 2 – Canhão Schneider 75 mm 1919.....	22
Figura 3 – Canhão Krupp 75 mm.....	22
Figura 4 – Obuseiro M101 M2A1 105 mm.....	24
Figura 5 – Obuseiro M114 155 mm.....	25



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Canhão Saint-Chamond 75 mm 1897.....	23
Quadro 2 – Canhão Schneider 75 mm 1919.....	26

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
MMF	Missão Militar Francesa
EB	Exército Brasileiro
EsAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EEM	Escola de Estado-Maior
EM	Estado-Maior
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
AD	Artilharia Divisionária
AR	Auto-Rebocado
OM	Organização Militar
GM	Guerra Mundial
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
DI	Divisão de Infantaria
DC	Divisão de Cavalaria
RADC	Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria
QG	Quartel General
RAM	Regimento de Artilharia Montada
RO	Regimento de Obuses
RADo	Regimento de Artilharia de Dorso
RAMs	Regimento de Artilharia Misto
GAM	Grupo de Artilharia Montada
GO	Grupo de Obuses
GADo	Grupo de Artilharia de Dorso
RAPé	Regimento de Artilharia a Pé
mm	Milímetros

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	OBJETIVOS.....	15
1.1.1	OBJETIVO GERAL.....	15
1.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1	MISSÃO MILITAR FRANCESA.....	16
2.2	MOBILIZAÇÃO BRASILEIRA.....	20
2.2.1	ORGANIZAÇÃO.....	22
2.3	PREPARO.....	27
2.3.1	PREPARO DA ARTILHARIA.....	27
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	32
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	32
3.2	MÉTODOS.....	32
3.2.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

## 1 INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial teve fim no dia 11 de novembro de 1918, com a assinatura da rendição alemã, contudo as consequências deste conflito acentuaram o sentimento nacionalista e o revanchismo alemães. As decisões no pós-guerra do lado vencedor deixaram efeitos profundos no mundo inteiro, possibilitando a ocorrência de uma nova guerra, a Segunda Guerra Mundial.

Além de ter como resultado quase 13 milhões de mortes e 20 milhões de feridos e mutilados, a Primeira Guerra Mundial também alterou o mapa europeu e os domínios da África. Com a assinatura do Tratado de Versalhes, impérios como o Alemão, o Austro-Húngaro, o Russo e o Otomano foram divididos.

A Alemanha sofre duras perdas territoriais. No oeste devolveu a região da Alsácia-Lorena à França (tomada pelos alemães cerca de 40 anos antes). A Bélgica recebeu as cidades de Eupen e Malmedy. A região industrial de Sarre ficou sob administração da Liga das Nações por 15 anos. A Dinamarca recebeu a região norte de Schleswig. A Renânia foi desmilitarizada.

No leste, a Polônia recebeu partes da Prússia Ocidental e da Silésia. A Tchecoslováquia recebeu o distrito de Hultschin. A cidade alemã Danzig passou a ser livre, sob proteção da Liga das Nações. Memel foi entregue ao controle lituano. Fora da Europa, perdeu todas as suas colônias (na África e no Pacífico). No total, a Alemanha perdeu 13 por cento de seu território da Europa e um décimo de sua população.

Além das perdas territoriais, a Alemanha teve que reduzir o efetivo de seu exército para, no máximo, cem mil soldados, bem como a proibição do funcionamento da Aeronáutica e da fabricação de carros de combate blindados e armamentos pesados. A Marinha alemã também foi reduzida para um efetivo de, no máximo, 15 mil marinheiros, seis navios de guerra e seis cruzadores.

As indenizações pagas aos países vencedores, cerca de 296 bilhões de marcos (valor reajustado conforme o tempo), contribuíram para uma hiperinflação incontrolável na Alemanha. Ao entrar na guerra, o governo passou a emitir mais papel-moeda para movimentar a economia do país e aumentar a produção para a guerra. Porém, ao final da guerra, a capacidade de produção sofreu uma redução brusca e o governo não reduziu a emissão de moeda. As dívidas com a reparação da guerra influenciaram negativamente na economia alemã.

Somando-se a isso, as relações sociais alemãs foram fragilizadas pelas medidas do Tratado de Versalhes e pelo sentimento de traição da República de Weimar (comunistas, socialistas e, na concepção da população, os judeus), que “fragilizaram” a honra alemã com a assinatura do tratado. A democracia, já enfraquecida, começou a ser ameaçada, permitindo a ascensão de partidos de extrema direita.

Diante deste cenário de incertezas e temores, as classes médias alemãs passaram a duvidar das soluções democráticas pluralistas de Weimar. Viam a necessidade de uma figura de liderança em governos de grande autoridade, encontradas em Adolf Hitler. Os níveis de intolerância, a concordância popular com o anti-semitismo e as violentas formas de discriminação cresceram.

O encerramento da Primeira Guerra Mundial, chamada de “guerra para pôr fim às guerras”, gerou medo e desconfiança nas populações dos países derrotados em relação às políticas nacionais e internacionais e às lideranças políticas, possibilitando um cenário favorável a uma nova guerra, a Segunda Guerra Mundial.

Alguns Estados acreditavam que o poder deveria estar concentrado nas mãos de um único líder, como são os casos da Itália fascista, de Benito Mussolini, e da Alemanha nazista de Adolf Hitler. Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder de uma Alemanha destruída, os planos de revanchismo começaram a tomar forma nos acordos firmados entre os países de Europa. Cresceram os governos totalitaristas, assim como o estado totalitário de esquerda comandado por Josef Stalin na extinta União Soviética. Com isso, o medo da expansão das ideias socialistas pela Europa.

A Segunda Guerra Mundial tem início com a invasão da Polônia, pela anexação da cidade de Danzig. A Alemanha decide assinar um pacto de não-agressão com a União Soviética para evitar uma frente de batalha e concentrar esforços na frente ocidental, demonstrando um aprendizado sobre a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Outra característica melhorada para a nova guerra foi a aplicação da velocidade no teatro de operações. Substituindo a guerra estática de trincheiras por uma guerra relâmpago, com o apoio de carros de combate, aviões e artilharia e a finalidade de abrir as linhas inimigas para a infiltração das tropas. Essa velocidade dificultava a resposta dos exércitos inimigos.

A Alemanha consegue êxito em suas investidas aplicando as novas técnicas de combate e acaba por invadir a França e forçar a assinatura de rendição dos franceses. Este episódio deixa claro o caráter revanchista da guerra, pois a rendição foi assinada no mesmo trem em que os líderes alemães tiveram que se render na Primeira Guerra Mundial.

Com o domínio do território francês, a Alemanha tinha um acesso para atacar a Inglaterra. A Batalha da Grã-Bretanha foi iminentemente aérea, entre a Luftwaffe alemã e a força aérea inglesa. Foram desencadeados vários bombardeios ao território inglês. As táticas aéreas usadas pelos alemães haviam sido testadas durante a Guerra Civil espanhola, em 1937, sobre a cidade de Guernica.

Apesar da força alemã, os ingleses foram vitoriosos e pararam o avanço alemão sobre seu território. Esse êxito pode ser creditado à experiência dos pilotos ingleses e o auxílio da tecnologia dos radares, que indicavam a localização a frota inimiga, sua velocidade e sua direção, tendo um alcance de até 200 quilômetros.

A Alemanha, a Itália e o Japão uniram-se formando os países do eixo e firmaram o pacto tripartite, que estipulava os auxílios entre os países membros. Enquanto isso, a Itália tentava investidas no Egito e na Grécia, mas sem êxito. Devendo esperar pelo apoio alemão para dar prosseguimento às suas investidas. Em resposta, Inglaterra, Estados Unidos, União Soviética e China formaram os países aliados.

As tensões na Iugoslávia aumentaram com o golpe de estado por políticos apoiados pelos países aliados, por isso, a Alemanha invade o país e retoma o poder. Com isso, as tropas alemãs poderiam ser mobilizadas para a Grécia, o que aconteceu e findou com a rendição deste país aos países do eixo.

Após as várias conquistas, Hitler decide partir para seu principal objetivo. Quebra o pacto de não-agressão e inicia a Operação Barbarossa para a invasão da União Soviética, o que seria a guerra contra o comunismo pregada em sua campanha. Marcha até Kiev, domina a cidade sem grandes esforços e parte em direção à capital Moscou. Porém, o exército encontrou dificuldades com o inverno de  $-30^{\circ}\text{C}$  e o ressuprimento, causando várias baixas alemãs e a possibilidade de resposta da União Soviética, que forçou o recuo das tropas alemãs com a técnica da terra arrasada, destruindo os recursos que ficavam para trás.

Enquanto a guerra acontecia na Europa, o Japão utilizou-se do elemento surpresa e atacou a base naval de Pearl Harbor, nos Estados Unidos, com minissubmarinos armados com torpedos e caças de combate. Esta atitude, considerada covarde pelo governo norte-americano, ocasionou a entrada do país na guerra, apoiando a iniciativa aliada.

Neste momento, o holocausto alemão alcançava proporções exorbitantes. Primeiro com a criação dos guetos, que segregavam os judeus nas cidades, depois com os campos de concentração, que foram o auge do extermínio de judeus. Nestes campos, muitos foram mortos por fuzilamento, fome, nas câmaras de gás ou nos experimentos insanos. Os judeus

que chegavam eram divididos entre os que trabalhariam até a morte e os que eram encaminhados diretamente para o assassinato em massa nas câmaras de gás.

Porém a guerra começava a mudar de rumo drasticamente. A Alemanha perde sua iniciativa após a derrota para a União Soviética na Batalha de Stalingrado, o Japão sofre sucessivas derrotas no pacífico contra o exército norte-americano, a Tunísia é tomada pelos aliados e a Itália é invadida, Mussolini é preso, encerrando com a rendição do país, que declara guerra, agora, contra a Alemanha. Hitler consegue invadir a Itália pelo norte e liberta Mussolini, fundando a República Social Italiana, mas o cerco já estava formado.

Ocorreram diversos bombardeios às cidades alemãs e os aliados criaram uma Força Expedicionária com a finalidade de invadir a Europa. O auge das operações foi o Dia D, em 6 de junho de 1944. Foi o maior desembarque de tropas da história, ocorrida na Normandia. Foi também utilizado o paraquedismo, posicionando tropas infiltradas em terreno inimigo a fim de destruir pontes de acesso e manter a proteção de duas pontes para a passagem de tropas amigas. O desfecho foi a liberação.

O Brasil, governado por Getúlio Vargas, inseriu-se na guerra após o afundamento de navios brasileiros pela Alemanha e pressões norte-americanas para a entrada na guerra. Em 1942, o governo declarou guerra ao eixo, cortando as relações comerciais com a Alemanha, porém, só em 1944 enviou suas tropas para o teatro de operações. Os Estados Unidos instalaram bases no nordeste brasileiro para proteger o Atlântico e alguns nordestinos foram para a Amazônia extrair borracha para ser utilizada pela indústria norte-americana.

Dentro deste cenário, o Brasil teve a necessidade de preparar e mobilizar suas tropas para participar da guerra, pois ainda utilizava métodos franceses adquiridos durante os 20 anos de atuação da Missão Militar Francesa. A mudança de doutrina é sempre um problema para a instituição, entretanto, neste trabalho poderá ser verificado que o adestramento e as decisões dos encarregados das tropas brasileiras foram acertados e que o acordo entre Brasil e Estados Unidos foi importante para o emprego no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial e para a atualização doutrinária de nosso país.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é identificar os processos de mobilização e preparo das tropas brasileiras para atuação durante a Segunda Guerra Mundial.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Verificar o que foi a Missão Militar Francesa, destacando os aspectos operacionais brasileiros antes desta missão.

Analisar a organização da Artilharia antes e durante a guerra, bem como os materiais empenhados no momento da guerra.

Verificar a preparação das tropas brasileiras, já inseridos no teatro de operações da Itália, abordando o recebimento de materiais e as instruções recebidas do Exército Norte-americano.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 MISSÃO MILITAR FRANCESA

A Missão Militar Francesa foi contratada pela necessidade de alterar a doutrina do Exército, que se baseava na doutrina positivista de Augusto Comte. Segundo o historiador Frank McCann, tratava-se de “um tipo de educação que produzia escritores, burocratas e políticos, mas não comandantes de campanha competentes”, pois o ensino militar no Brasil era voltado para as ciências humanas e teóricas.

Na prática, principalmente com a entrada do positivismo na Escola Militar, passou a ser mais um centro de estudos de Matemática, Filosofia e Letras do que de disciplinas militares. A influência positivista se tornou maior a partir do ingresso de Benjamin Constant como Professor da Escola, em 1872, logo após o término da Guerra do Paraguai. (CARVALHO, 1977)

Em 1850, as escolas militares passam a sofrer forte influência positivista via ensino da matemática e da geometria analítica (ADRIANA, 2009), influenciando dois dos grandes professores e responsáveis por ampliar os conhecimentos positivistas no Exército Brasileiro. Estes dois são Benjamin Constant e Marechal Roberto Trompowsky, que tiveram conhecimento desta filosofia durante sua formação na Escola Militar. Em sua monografia, Peçanha (1986) comenta que Benjamin Constant era “antes um professor, um engenheiro, um matemático, um pensador, que propriamente um militar”.

A reforma operada por Constant no regulamento das escolas do Exército, em 12 de abril de 1890, não modifica a estrutura militar: permanece incentivando a cultura acadêmica, sem promover a profissionalização da força. Como elucida Peçanha: “Os oficiais recém saídos da escola de formação fogem da tropa. Esta, por sua vez, desaparelhada, não lhes oferece motivação” (ADRIANA, 2009)

A aplicação da doutrina positivista causou reflexos negativos no Exército Brasileiro. Segundo Adriana, o ministro da Guerra da época, General Francisco de Paula Argolo, passa a denunciar a estrutura e a requerer novas reformas. Conta ainda que em 1898, é elaborado pelo Marechal João Tomaz de Cantuária um conjunto de mudanças, conhecido como reforma Cantuária, que propõe maior aproveitamento técnico e diminui os ensinamentos teórico-filosóficos dos regulamentos em vigor. Porém, essa reforma não afasta a doutrina positivista do ensino militar.

A falta de preparo da Força pode ser confirmada em alguns fracassos durante a história do país, como na Revolução Federalista, de 1893 a 1895 (PESAVENTO, 1983), na Revolta

da Armada, de 1893 a 1894 (CARONE, 1970) e em Canudos, de 1896 a 1897 (MELLO, 2007). Somando-se a isso, a política governamental que acentuava o descrédito e o enfraquecimento das Forças Armadas.

O Exército enfrentava problemas, tais como: baixos salários, falta de escolas, carência de instrutores competentes no preparo e adestramento militar, desatualização de material bélico em funcionamento e péssimas condições de infra-estrutura. Tudo isso motivava a decadência da estrutura militar nacional e internacional do Brasil. Via-se, então, a necessidade de urgência de atualizar a doutrina militar do Exército Brasileiro.

Surge a concepção de soldado-cidadão, indivíduo que participa ativamente no processo político, bem como intervém na política com tendências renovadoras, como acontece com a Proclamação da República. Conforme o que escreve Carvalho em seu livro, o soldado representa o civil de farda, que ascende socialmente pela interferência política, passando o soldado brasileiro a ser considerado o cidadão armado.

O Exército Brasileiro até 1920 é sustentado por esse embasamento doutrinário de inspiração positivista: o objetivo dos integrantes da Escola Militar é aprender os ensinamentos de Engenharia e Matemática, deixando de lado os conhecimentos referentes à representação e função de um militar. Os militares formam-se engenheiros na Escola Politécnica e adquirem, com isso, o direito a trabalhar no meio civil; sendo, devido a essa formação, considerados mais acadêmicos do que combatentes, pois, em seu corpo doutrinário está enraizado o cientificismo comtiano.

O positivismo marca a história doutrinária do Exército Nacional desde o período imperial, passando pela Proclamação da República e pela Primeira República até a chegada da Missão Militar Francesa, quando o ensino profissionalizante passa a ser ministrado nas academias, e o conceito de soldado-cidadão cede espaço ao conceito de soldado-profissional.

A Missão Militar Francesa foi contratada em setembro de 1919 pelo governo brasileiro para auxiliar na instrução e modernização do Exército. Embora tenha sido contratada por apenas quatro anos, estendeu-se por 20 (vinte) anos, sendo seu contrato renovado seis vezes. As negociações para o contrato ocorreram em Paris, entre o Coronel Malan d'Angrogne, adido militar brasileiro na França, e o Ministro Georges Clemenceau, ministro da Guerra francês. Os termos do contrato estipulavam que oficiais franceses comandariam durante quatro anos as escolas de Estado-Maior, de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Intendência e Veterinária.

O Decreto nº 13.451, de 29 de janeiro de 1919, estabelece, então, bases para a reorganização do ensino militar no Brasil criando o curso d'arma (infantaria, cavalaria,

artilharia e engenharia, cursos de aperfeiçoamento d'arma, curso técnico de artilharia, curso técnico de engenharia, curso de estado-maior e curso de revisão).

Os cursos d'armas seriam ministrados nas Escolas Militares e seriam destinados a preparar os oficiais subalternos. Os cursos de aperfeiçoamento seriam ministrados na Escola de Aperfeiçoamento para Oficiais por instrutores pertencentes à Missão Militar Francesa (autorizada a contratação por meio do Decreto Legislativo nº 3.674, de 7 de janeiro de 1919).

Conforme foi previsto no contrato, frequentariam esta escola de aperfeiçoamento os capitães e primeiros-tenentes pertencentes as quatro armas e seriam destinadas a completar a instrução dos oficiais e aperfeiçoá-los como instrutores e comandantes das pequenas unidades.

Os cursos técnicos de artilharia e engenharia seriam destinados a segundos e primeiros-tenentes, formados em suas respectivas armas, que desejassem se habilitar para executar funções técnicas no serviço de material bélico e no serviço de engenharia. O Curso de Estado-Maior seria ministrado na Escola de Estado-Maior por militares da Missão Militar Francesa. Os militares selecionados para realizar o curso seriam os capitães que apresentassem as seguintes documentações: comprovante das melhores provas das suas aptidões militares conquistadas no aperfeiçoamento em sua arma, destaque das unidades nas quais exerceram a função de instrutor ou comandante e serviço de campanha em que tenham apresentado iniciativa e capacidade.

O contrato também estipulava que o Brasil se comprometia a privilegiar a indústria francesa em suas compras de armamentos e equipamentos militares com a condição de que o material oferecido, o prazo de entrega e os preços fossem, no mínimo, equivalentes aos de outros países fornecedores.

Nos primeiros anos de atuação da missão, os militares sofreram com os poucos recursos financeiros das Forças Armadas, com a crescente insatisfação de militares diante do Governo Artur Bernardes e com a conjuntura de lutas políticas dentro do Exército, respondendo apenas parcialmente às primeiras cláusulas do contrato, com a modernização de parte do equipamento e a reforma de pequena parcela da oficialidade.

Em 1923 foram inseridas novas cláusulas que especificavam a posição dos franceses na hierarquia e definiam seus papéis como consultores técnicos, decidindo por restringir a participação destes na elaboração dos planos de Defesa Nacional.

Para o Brasil, o contrato representou um grande passo na direção da profissionalização e modernização de seu Exército e contribuiu para fortalecer seu poder militar. Os franceses foram responsáveis por reorientar a doutrina do Exército, elaborar novos regulamentos e

aperfeiçoar o ensino e a instrução militar. A influência militar francesa concretizou-se com a adoção de novos regulamentos destinados à Direção e Emprego das Grandes Unidades, ao Exercício e Emprego da Artilharia e ao Serviço de Estado-Maior em Campanha.

Os resultados mais visíveis traduziram-se na constituição de um Estado-Maior efetivo, centralizador do comando nacional do Exército e encarregado de elaborar as grandes diretrizes a serem aplicadas à totalidade da instituição. A finalidade principal do Exército agora seria o preparo das forças nacionais para a guerra, e assim foi viabilizado o enquadramento do potencial militar. A mobilização militar passou a ser encarada como uma mobilização nacional.

## 2.2 MOBILIZAÇÃO BRASILEIRA

Inicia-se a verificação da mobilização brasileira para os esforços de guerra com o início da preparação estratégica do país. O nordeste brasileiro encontrava-se desprotegido por causa da falta de políticas de mobilização de recursos militares para a região. Getúlio Vargas, no dia 29 de março de 1943, autoriza um estudo para implantação de estratégias de defesa desta região.

Entre os anos de 1940 e 1943, o Ministério da Guerra promoveu o deslocamento de pequenas unidades para o litoral, como unidades de infantaria que tiveram efetivos do tamanho de uma fração de combate (grupo de combate) enviadas para proteção do litoral da Paraíba e cidades litorâneas do Rio Grande do Norte, criando-se, assim, a 7ª Divisão de Infantaria (Pernambuco e Alagoas), a 14ª DI (Rio Grande do Norte e Paraíba), o Destacamento Misto (Fernando de Noronha) e a 5ª Divisão de Cavalaria (Rio de Janeiro). A Artilharia de Campanha estava inserida na defesa do litoral brasileiro.

Por causa da falta de condições de defesa, o país teve que buscar o apoio militar dos Estados Unidos na própria Comissão Mista de Defesa. Mas o governo brasileiro ainda via a necessidade de ter uma tropa que pudesse ser capacitada e equipada com o melhor que os americanos tinham, portanto começa a formar a ideia da criação da Força Expedicionária Brasileira.

A FEB foi organizada nos moldes do Exército americano, com tropa de todas as armas, serviços e outros órgãos de apoio logístico. Os seus integrantes eram oriundos de todos os Estados do Brasil, criando dessa maneira uma dúbia realidade. Por um lado, a situação era prejudicial, haja vista que as tropas não estavam acostumadas a trabalhar juntas. Por outro, isso facilitaria a transição e adaptação do Exército brasileiro, acostumado, desde 1919, com o modelo organizacional e técnico francês, para o modelo norte-americano. (MCCANN, FERRAZ. 2011.p.136)

Para tal evento, o Exército teria que passar por mais um processo de mudança de doutrina. Os militares brasileiros ainda utilizavam os conhecimentos doutrinários adquiridos com a Missão Militar Francesa, porém a situação histórica não permitia mais utilizar os métodos franceses. Vale ressaltar que, na época em que o Brasil declarou guerra aos países do eixo, a França já havia sido invadida pelas tropas de Hitler e obrigada a assinar sua rendição.

Porém, passaria por algumas dificuldades. Os oficiais, formados segundo a doutrina francesa, deveriam dominar o emprego dos armamentos, individuais e coletivos, e táticas a serem empregadas na guerra, bem como preparar militares capazes de internalizar a doutrina americana a fim de compor uma Divisão Expedicionária e atuar como tropa americana.

O recrutamento começou com o envio de um grupo de oficiais superiores para os Estados Unidos e para a África como observadores, de onde seria escolhido o comandante da Força Expedicionária Brasileira, o General Mascarenhas de Moraes. Além disso, foram escolhidos os regimentos que serviriam de base para a formação da FEB: o 1º Regimento de Infantaria (Rio de Janeiro), o 11º Regimento de Infantaria (Minas Gerais) e o 6º Regimento de Infantaria (São Paulo). Bem como o 9º Batalhão de Engenharia, que seria o pioneiro da atuação brasileira em solo italiano, e a criação de algumas unidades especializadas que até então não existiam no país, como é o caso do pelotão de Polícia do Exército. Outra medida implementada foi o envio de oficiais gerais e oficiais superiores para as escolas de aperfeiçoamento americanas, com a finalidade de minimizar os efeitos da mudança de doutrina nos comandantes do Exército.

A fase seguinte foi a de incorporação dos efetivos que inicialmente comporiam os regimentos da FEB. Ao contrário do que se veicula, foram preferencialmente incorporados militares voluntários que demonstravam a vontade de lutar, geralmente oriundos das cidades de origem dos regimentos mobilizados. Contudo, para compor uma Divisão, alguns oficiais e praças tiveram que ser movimentados para completar o efetivo. Porém, alguns postos de funções especializadas foram completados com convocados.

Mobilizadas as tropas, iniciaram-se as inspeções de saúde. Porém, o Brasil encontrava novas dificuldades. Muitos soldados brasileiros foram reprovados nesta fase por causa do rigoroso padrão de seleção norte-americano. Isso motivou uma propaganda negativa da Divisão brasileira em território nacional, passando a acreditar-se que não sairia do planejamento. A imprensa tratou de veicular os problemas encontrados pelas tropas brasileiras ainda antes de partir para a guerra, estando em parte relacionada com pessoas que nutriam simpatia com alemães e italianos.

Conforme Pinheiro, a Portaria Ministerial Nº 4.744, de 9 de agosto de 1943, publicada em Boletim Reservado, estruturava a FEB que era constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e por órgãos não-divisionários. A 1ª DIE, comandada por um General-de-Divisão, deveria, segundo texto da Portaria Ministerial Nº 4.744, compreender:

- um quartel-general constituído de estado-maior geral, estado-maior especial e tropa especial;
- uma infantaria divisionária, comandada por um General-de-Brigada e composta de três regimentos de infantaria;
- uma artilharia divisionária, comandada por um General-de-Brigada e composta de quatro grupos de artilharia (três de calibre 105 mm e um de calibre 155 mm);

- uma esquadrilha de aviação destinada à ligação e à observação;
- um batalhão de engenharia;
- um batalhão de saúde;
- um esquadrão de reconhecimento, e
- uma companhia de transmissão.

A tropa especial, além de seu próprio comando, deveria incluir o comando do quartel-general, um destacamento de saúde, uma companhia do quartel-general, uma companhia de manutenção, uma companhia de intendência, um pelotão de sepultamento, um pelotão de polícia e uma banda de música.

### 2.2.1 ORGANIZAÇÃO

Rocha disserta que a Artilharia de Campanha variava conforme a Divisão a que estava subordinada. A Divisão de Infantaria (DI) possuía uma Artilharia Divisionária (AD) orgânica e a Divisão de Cavalaria (DC) possuía um Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria (RADC). A Artilharia Divisionária era constituída por um Regimento de Artilharia Montada (RAM) que era composto de três Grupos de Artilharia Montada (GAM), um Regimento de Obuses (RO) que era composto de dois Grupos de Obuses (GO) e um Regimento de Artilharia de Dorso (RADO) que era composto de dois Grupos de Artilharia de Dorso (GADO). Os RADC eram compostos por dois Grupos de Artilharia a Cavalos (GACav) e um Grupo de Artilharia Automóvel (GAAu).

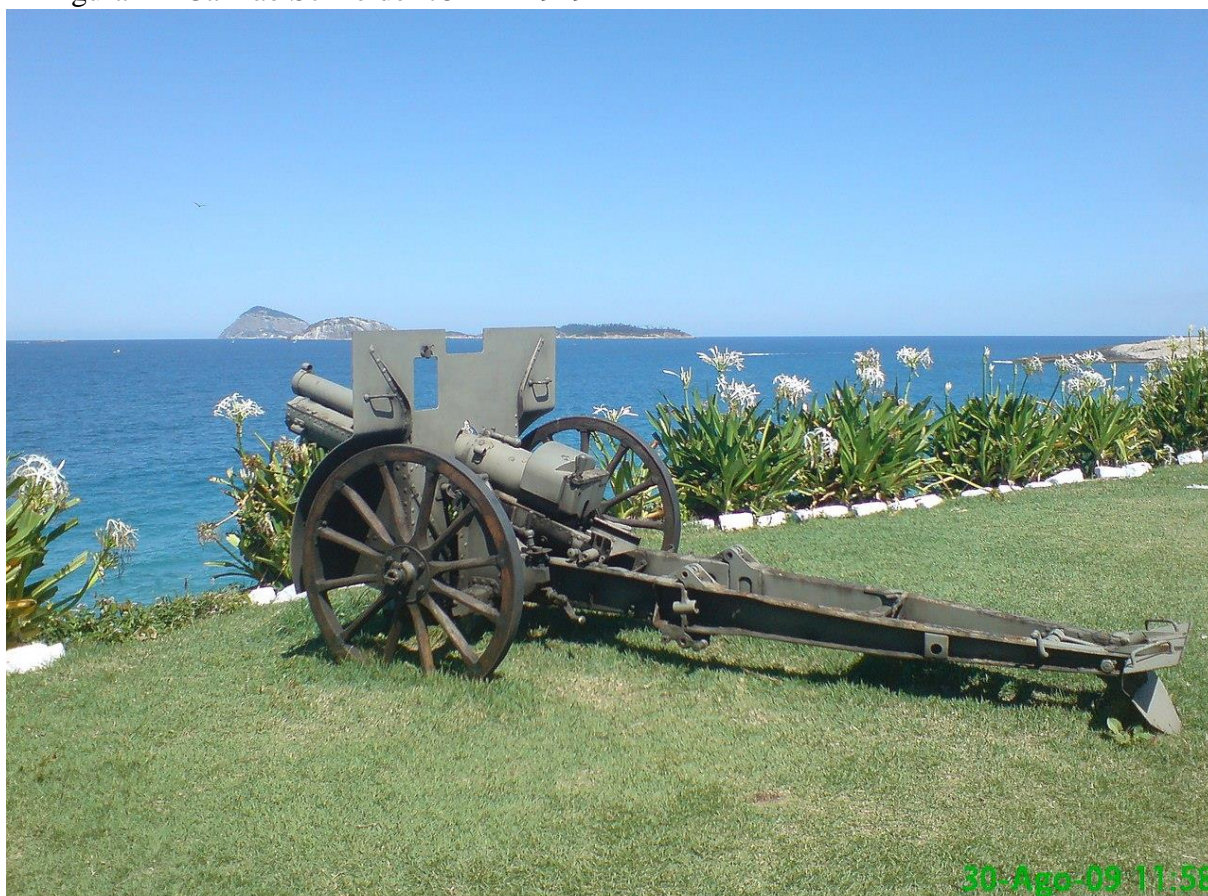
A Artilharia era dotada dos canhões Saint-Chamond 75 mm, de origem, francesa, canhões Krupp 75 mm e canhões Schneider 75 mm, de origem alemã.

Figura 1 – Canhão Saint-Chamond 75 mm 1897



Fonte: CLELLAND

Figura 2 – Canhão Schneider 75 mm 1919



Fonte: WIKIPEDIA

Figura 3 – Canhão Krupp 75 mm



Fonte: AUTOR (2019)



O quadro a seguir mostra como estavam distribuídas as unidades e subunidades de Artilharia de Campanha no final de 1942:

Nº	U/SU	LOCALIZAÇÃO	Nº	U/SU	LOCALIZAÇÃO
01	1º RAM (a)	Vila Militar - RJ	18	2º RAMs	Tramandaí - RS
02	3º RAM (a)	Curitiba - PR	19	9º GAT	Recife - PE
03	4º RAM (a)(b)	Itu - SP	20	1º GIA	Fernando de Noronha
04	5º RAM (a)	Santa Maria - RS	21	GEsA (d)	Rio de Janeiro - RJ
05	6º RAM (a)	Cruz Alta - RS	22	1º RADC	São Borja - RS
06	8º RAM (a)(c)	Pouso Alegre - MG	23	1º RADC	Santiago - RS
07	1º GO	Campina Grande - PB	24	2º RADC	Uruguaiana - RS
08	3º GO	Cachoeira do Sul - RS	25	2º RADC	Alegrete - RS
09	1º GADo	Rio de Janeiro - RJ	26	3º RADC	Bajé - RS
10	2º GADo	Jundiaí - SP	27	3º RADC	São Gabriel - RS
11	3º GADo	Campo Grande - MT	28	4º RADC	Livramento - RS
12	4º GADo	Ilhéus - BA	29	4º RADC	Ijuí - RS
13	5º GADo	Salvador - BA	30	5º RADC	Aquidauna - MT
14	6º GADo	Quitaúna - SP	31	5º RADC	Fortaleza - CE
15	7º GADo	Olinda - PE	32	5º RADC	Natal - RN
16	14º GADo	Natal - RN	33	1ª Bia O Ind	Fernando de Noronha
17	1º RAMs	Imbituba - SC	34	1ª Bia A Au	Belém - PA
OBSERVAÇÃO: (a) a dois grupos (c) segundo grupo em João Pessoa (b) segundo grupo em Maceió (d) Grupo Escola de Artilharia					

Quadro 1 – Quadro de Distribuição das OM de Artilharia no Brasil em 1943 – Fonte: ROCHA (2006)

Para a guerra, foi organizada uma Artilharia Divisionária, sobre o comando do General Cordeiro de Farias, para compor a 1ª DIE. A AD seria, então, constituída do Comando e Estado-Maior, uma Bateria Comando, um Destacamento de Saúde, 1/1º Regimento de Obuses Auto-rebocados (1/1º ROAuR), 11/1º Regimento de Obuses Auto-rebocados (11/1º ROAuR), 1/2º Regimento de Obuses Auto-rebocados (1/2º ROAuR), 1/1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (1/1º RAPC) e a 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ªELO).

O 1/1º ROAuR possuía uma Bateria Comando, uma Bateria Serviço e três Baterias de Obuses a quatro peças e durante a guerra teve sua denominação modificada para 1º Grupo de Obuses 105 AR (também chamado de Grupo Levy Cardoso). Seu efetivo era oriundo do antigo 1º Grupo de Obuses, de São Cristóvão (Rio de Janeiro-RJ), praças oriundas do 1º

RAM, da Artilharia de Costa, do 1º Regimento de Cavalaria de guardas e os oficiais de diversas Regiões Militares, principalmente da 1ª Região Militar.

O 11/1º ROAuR possuía a mesma composição do 1º GO. Mobilizou o efetivo do antigo 1º GADo, de Campinho (Rio de Janeiro-RJ). Durante a guerra teve a denominação alterada para 2º Grupo de Obuses 105 AR (também chamado de Grupo Da Camino).

O 1/2º ROAuR tinha a mesma composição do 1º GO. O regimento deslocou-se de Quitaúna (Osasco-SP), por via férrea, para a cidade do Rio de Janeiro e instalou-se em um acantonamento provisório na Região da Colina Capistrano, próximo à Vila Militar. Durante a guerra, passou a ser denominado de 3º Grupo de Obuses 105 AR, a partir de meados de novembro de 1944 (chamado também de Grupo Souza Carvalho).

O 1/1º RAPC tinha a mesma composição do 1º GO. Absorveu o efetivo e os materiais do Grupo Escola, da Vila Militar (Rio de Janeiro-RJ). Teve sua designação alterada para 4º Grupo de Obuses 155 AR (também chamado de Grupo Panasco Alvim).

A 1ª ELO foi criada na Base Aérea do Campo dos Afonsos (Rio de Janeiro-RJ) e era dotado de 10 (dez) aviões Piper Cub L4H. Tinha o efetivo de 12 (doze) oficiais aviadores, 1 (um) oficial intendente, 11 (onze) oficiais observadores aéreos do EB e 28 (vinte e oito) praças, sendo 18 (dezoito) da Força Aérea e 10 (dez) da FEB, e realizavam operações de observação, ligação, reconhecimento e regulação do tiro.

Para a guerra, o Brasil passou a utilizar os obuseiros 105 mm e 155 mm, ambos de origem norte-americana. O 1º GO, 2º GO e 3º GO tinham a dotação do obuseiro M101 M2A1 105 mm, enquanto o 4º GO tinha dotação do obuseiro M114 155 mm.

Figura 4 – Obuseiro M101 M2A1 105 mm



Fonte: AUTOR (2018)

Figura 5 – Obuseiro M114 155 mm



Fonte: WEAPONSYSTEMS.NET

## 2.3 PREPARO

Para a guerra, houve a necessidade de concentrar as Organizações Militares (OM) no Rio de Janeiro para iniciar a fase de adestramento. O Acordo Militar Brasil-EUA previa a entrega de cerca de 50% do material que seria utilizado pela FEB ainda no Brasil para fins de instrução. Entretanto, houve atraso na entrega, o que prejudicou o cronograma de preparação. Iniciaram, também, as inspeções a fim de verificar o nível de preparação das OM.

Contudo, o Exército enfrentava problemas com as instruções, que não se limitavam a revisões, e sim ao aprendizado quase que integral da doutrina militar norte-americana. Para minimizar os efeitos, militares dos EUA foram enviados ao Brasil e divididos em equipes de instrução. Além disso, o material era escasso e, dessa forma, os militares americanos passaram pelas diversas OM, em sistema de rodízio, para ministrar instruções sobre armamentos e instruções individuais básicas norte-americanos.

Alguns oficiais de todas as patentes foram enviados aos Estados Unidos para realizar cursos nas escolas norte-americanas, como a EEM (Forte Leavenworth), Escola de Infantaria (Forte Benning) e Escola de Artilharia (Forte Sill), aprendendo os modernos processos de guerra. Ao retornarem para o Brasil, estes militares ficavam responsáveis por traduzir os manuais norte-americanos e repassar os conhecimentos adquiridos durante a missão.

As tropas brasileiras foram divididas em cinco escalões. O 1º escalão continuou sua preparação em solo italiano, enquanto o restante da FEB permaneceu no Brasil e continuou seu adestramento no campo de instrução de Gericinó (Rio de Janeiro-RJ). Ao contrário do 1º escalão, os seguintes escalões tiveram sua fase de preparação na Itália reduzido pela necessidade de compor o efetivo completo da 1ªDIE.

### 2.3.1 PREPARO DA ARTILHARIA

Antes da guerra, a maioria dos grupos de artilharia eram dotados de canhões 75 mm e tinham suas peças tracionadas por cavalos (das raças bretão e pecherron), o que dava pouca mobilidade e pouca rapidez aos grupos, sendo poucas OM que possuíam viaturas para tração.

Durante a Missão Militar Francesa, foram adquiridos os obuses Krupp, de fabricação alemã, e os obuses Schneider e Saint Charmond, de fabricação francesa. Os materiais foram distribuídos pelas OM conforme o quadro a seguir:

Obus	Calibre	OM dotação	Alc Máx (km)	Origem	Tração
Krupp C26 TR M1937	75 mm	GACav/RADC	10	Alemã	Hipo
Krupp C34 TR M1939	75 mm	RAM/DI	11,5	Alemã	Hipo

Schneider C18,6 M1919	75 mm	GADo/RAMs	9,5	Francesa	Hipo
Krupp C28 TR	75 mm	9° GAT	6 a 7	Alemã	Hipo/ AR
		1ª Bia A Au			
Krupp C14	105 mm	1ª Bia O	11,5	Alemã	AR
Saint-Chamond C36	75 mm	1° GIA	11,5	Francesa	AR

Quadro 2 – Distribuição e Características dos Obuses do Brasil – Fonte: ROCHA (2006)

As técnicas de tiro e observação de artilharia eram extremamente complexas e de difícil entendimento, exigindo elevados conhecimentos e pessoal altamente especializado, ficando a cargo dos capitães comandantes das baterias de obuses. Os tiros eram conduzidos dos postos de observação e as correções obtidas eram enviadas para as linhas de fogo, pois não existiam as centrais de tiro.

A observação do tiro da doutrina francesa demandava o uso de instrumentos ópticos e era metódica, o que gerava uma demora na obtenção dos elementos ajustados e prejudicava a continuidade do apoio de fogo. Outra carência era a ausência de instruções de observação avançada e aérea no curso de artilharia da Escola Militar de Realengo.

Na Linha de Fogo, a preparação do tiro era meticulosa. O local era cuidadosamente selecionado e as peças eram dispostas em linha reta e equidistantes de 25 metros (medidos na trena). A bateria era apontada pelo tenente comandante da linha de fogo, todavia, não havia a preocupação com a camuflagem da linha de fogo, o que tornava vulnerável ao ataque da aviação inimiga. As granadas e estojos de calibre 75 mm eram fabricados de forma padronizada, facilitando a utilização por qualquer tipo de obus (Schneider, Krupp ou Saint-Chamond) e o suprimento da munição da artilharia brasileira.

Os processos de levantamento topográfico eram complexos. Os trabalhos partiam de marcos geodésicos (pontos fixados no solo com inscrições indicando altitude, latitude e longitude do local), havendo lentidão no processo de obtenção de todos os dados da trama topográfica.

Para as comunicações, era empregado em larga escala o sistema de fio. As baterias de obuses eram dotadas de telefones, fios, bobinas portáteis e desenroladeiras e realizavam a ligação entre a linha de fogo e os observatórios. Um problema da doutrina francesa era a inexistência de oficiais destacados nas unidades e subunidades de infantaria e cavalaria para a coordenação dos tiros, o que aumentava o risco de fratricídio.

O exercício de tiro real ao final do ano de instrução foi implementado durante a MMF pelos oficiais concludentes do curso de artilharia da EsAO, a partir de 1935. As missões

táticas limitavam-se ao apoio direto, quando os fogos se desencadeavam na zona de ação dos regimentos de infantaria, e de ação de conjunto, quando em proveito da divisão como um todo. Os trabalhos de reconhecimentos, escolha e ocupação de posição eram executados à luz do dia, inexistindo entradas em posição noturna e a preocupação com posições de troca ou posições falsas.

Nos preparativos para a 2ª GM, os obuses 105 mm AR foram remanejados para os 1/1º Regimento de Obuses Auto-rebocados (1/1º ROAuR), 11/1º Regimento de Obuses Auto-rebocados (11/1º ROAuR) e 1/2º Regimento de Obuses Auto-rebocados (1/2º ROAuR), o 1/1º Regimento de Artilharia Pesada Curta (1/1º RAPC), apesar de sua designação de dotação do material 155 mm AR, recebeu o obuseiro 105 mm AR para fins de instrução e adestramento.

Até o final de 1943, cada grupo planejou suas próprias instruções, segundo diretrizes do EME. Houve a tradução de manuais norte-americanos, das tabelas numéricas de tiro (TNT), a criação de notas de instrução sobre a utilização das régua de tiro, processos de tiro, observador avançado, organização das unidades e encargos de oficiais e praças.

Em janeiro de 1944, a AD conseguiu reunir todo efetivo e material de artilharia e isso permitiu com que fossem realizadas as escolas de fogo de artilharia no centro de instruções de Gericinó, com a participação de todos os oficiais e praças em suas respectivas funções de campanha.

Os comandantes de grupo tinham liberdade de programar suas instruções, entretanto, deveriam acampar três vezes por semana em Gericinó, realizando atividades de serviço de campanha e duas escolas de fogo. As OM não tinham preocupação tática em seus adestramentos, mas deveriam estar preparados até o dia 10 de maio de 1944, quando passariam a receber missões da AD dentro de uma situação tática.

O 1/2º ROAuR mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em abril de 1944 e houve a organização da bateria comando da AD. No dia 20 de maio de 1944, os objetivos fixados pelo general Cordeiro de Farias foram alcançados por todas as unidades de artilharia, possibilitando uma demonstração onde esteve presente o Presidente Getúlio Vargas e o Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra.

O 11/1º ROAuR foi o primeiro a embarcar para a Itália, como integrante do 1º Escalão da FEB. Enquanto isso o 1/2º ROAuR, componente do 1º Grupamento Tático da 1ª DIE, continuou seus adestramentos em Santa Cruz e o 1/2º ROAuR, componente do 2º Grupamento Tático da 1ª DIE, em Mangaratiba.

Nos meses subsequentes ao embarque do 1º escalão, os exercícios continuaram no Brasil. O último exercício foi realizado em setembro de 1944, próximo ao embarque do 2º

escalão. Nesta situação, os grupos da AD apoiaram pelo fogo os escalões de ataque do 1º Regimento de Infantaria e o 11º Regimento de Infantaria, demonstrando total adaptação aos processos de tiro norte-americanos.

Em Agnano, na Itália, o 11/1º ROAuR recebeu instruções, basicamente, de ordem unida, marcha, treinamento físico e instrução geral durante o primeiro mês. Em julho, o 1º escalão descolou-se para a região de Tarquínea, onde recebeu armamentos e equipamentos norte-americanos. Recebendo, o regimento, 12 (doze) obuses.

Após o recebimento do material, o Destacamento FEB deslocou-se para Vada, onde era necessária disciplina de luzes e circulação, pela proximidade com a frente de batalha. Oficiais do 2º GO 105 AR foram designados para realizar o curso de minas, intensificando as instruções de combate, o adestramento e, principalmente, aclimatando-se à região do teatro de operações.

O Grupo Da Camino participou, em 22 de agosto, de um exercício de 3 (três) semanas, como preparação para a fase final do adestramento do Destacamento FEB. Na oportunidade, o exercício contou com a presença do General Mark Clark, comandante do 5º Exército de Campanha, e de inúmeros oficiais norte-americanos. As conclusões foram que as tropas brasileiras estavam prontas para serem empregadas na guerra.

Os integrantes do 2º e 3º escalões desembarcaram em Nápoles, na Itália, no dia 6 de outubro de 1944 e foram transportados para o porto de Livorno. Desta região, os brasileiros se deslocaram para Tenuta di San Rossore, onde foi instalado um acampamento.

Com a necessidade de acelerar o processo de adestramento das tropas brasileiras em solo italiano, o General Mascarenhas de Moraes criou, por meio da Diretiva Geral Nº 07, um período de instrução de 15 (quinze) dias, dividido em 2 (duas) fases. O início ficou restrito à distribuição de todo armamento. A 1ª fase priorizou a instrução de organização no terreno, armamento e munição. Na 2ª fase, foram organizados exercícios combinados e revisadas as instruções de técnica de tiro, topografia e observação.

Semelhante ao que ocorreu com militares do 2º GO 105 AR, oficiais e sargentos foram enviados para realizar cursos e estágios, o que melhorou o nível de rendimento de suas respectivas frações em campo de batalha. Cada grupo enviou um oficial e dois sargentos para realizar um curso de minas e destruições em Magenta. Além disso, vários cursos, como o de informações e o de explosivos, funcionaram na área de estacionamento da 1ª DIE, sendo frequentados por oficiais e praças de todas as unidades da AD.

Os grupos de artilharia da FEB estavam preparados para serem empregados no teatro de operações da 2ª GM desde que saíram do Brasil. Com a exceção do 4º GO 155 AR, que

recebeu o material 155 mm apenas o início de novembro. Portanto teve pouco tempo para adestramento das tropas com o material. No entanto, o estágio realizado pelos oficiais e sargentos nas unidades 155 mm da Artilharia do 4º Corpo de Exército na adaptação ao material.



### **3 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Nesta seção, a pesquisa foi realizada com base bibliográfica para a obtenção dos principais dados sobre a mobilização e o preparo da artilharia brasileira para a atuação na 2ª Guerra Mundial, além de pesquisas sobre os acontecimentos históricos no mundo desde o fim da 1ª Guerra Mundial até o início da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial.

#### **3.2 MÉTODOS**

##### **3.2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Foi necessário realizar pesquisas sobre como o Exército Brasileiro mobilizou e preparou suas tropas para compor a Força Expedicionária Brasileira, bem como o processo empregado especialmente para a artilharia brasileira, e os fatos que ocorreram nos países envolvidos nas guerras desde o fim da 1ª Guerra Mundial até o início da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial.

Além disso, pesquisas sobre a doutrina militar brasileira e armamentos empregados pelo exército antes e durante a Missão Militar Francesa, desde a época das influências iluministas até a implementação e adaptação da doutrina militar francesa no Exército Brasileiro, para visualizar a situação operacional em que as tropas brasileiras enquadravam-se quando da declaração de guerra aos países do eixo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exército Brasileiro enfrentou problemas desde a decisão da participação do país na 2ª GM. O Brasil contava com uma doutrina militar ultrapassada, pois na época, a França já havia sido invadida pelo exército nazi-fascista em poucos dias e assinado sua rendição à Alemanha.

Para isso, teve de empregar uma nova doutrina e armamentos mais modernos para fazer frente as ameaças que seriam encontradas no teatro de operações da Itália. Começou com preparações de instruções individuais e a tradução de manuais norte-americanos, bem como a formação de especialistas, aproveitando-se pouco da doutrina militar francesa que existia no Brasil.

A Missão Militar Francesa ficou em vigor por 20 (vinte) anos e isso significava que as bases francesas já estavam consolidadas no país, fazendo parte, fundamentalmente, da formação dos oficiais e graduados, que traziam hábitos, convicções e conhecimentos desta doutrina.

Outro problema foi o rigoroso processo de seleção dos militares e as constantes mudanças de pessoal, o que atrasou o cronograma de instruções, pois as instruções reiniciavam-se com a chegada dos substitutos. Assim, dificultava o nivelamento das tropas, atrasando a fase de adestramento.

As organizações militares eram oriundas de quatro Regiões Militares diferentes. Esta distribuição gerou uma dupla subordinação, prejudicando a preparação da FEB e o cumprimento de ordens do comandante da 1ª DIE.

O adestramento no Brasil ficou restrito, basicamente a Gericinó, pela proximidade da Vila Militar (onde as OM de artilharia reuniram-se para a fase de adestramento). Desse modo, houve um rodízio organizado pela 1ª DIE para a utilização do centro de instruções de Gericinó. A AD só pôde dispor de 3 (três) vezes por semana.

Entretanto, apesar dos vários problemas, a artilharia brasileira ficou conhecida na 2ª Guerra Mundial por sua adaptabilidade aos novos processos e sua meticulosidade nos trabalhos de central de tiro e linha de fogo, cumprindo com êxito suas missões no teatro de operações da Itália.

## REFERÊNCIAS

AMBROSE, Stephen E.. **Soldados Cidadãos: Do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à Batalha das Ardenas e à rendição alemã.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder de. **Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **Memórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1984.

KEEGAN, John. **A batalha e a história.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006.

LUTTWAK, Edward N.. **Estratégia: A lógica da guerra e da paz.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009. Tradução de: Álvaro Pinheiro.

THOMAZ, Carlos Rocha. **Os ensinamentos da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial: A atuação da Artilharia de Campanha da 1º DIE - um aprendizado.** 2006. 195 f. Monografia (Especialização) - Curso de Artilharia, ECEME, Rio de Janeiro, 2006.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (Rio de Janeiro). **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB).** 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>>; Acesso em: 14 abr. 2019.

MIRANDA, Francisco. **Preparação da FEB.** 2011. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/preparacao-da-feb/>>; Acesso em: 13 abr. 2019.

ARANHA, Oswaldo Euclides de Souza; CAFFERY, Jefferson. **O EXÉRCITO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.** Disponível em: <[http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p\\_p\\_id=101&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&101\\_struts\\_action=/asset\\_publisher/view\\_content&101\\_assetEntryId=1556825&101\\_type=content&101\\_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true#wrapper](http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&101_struts_action=/asset_publisher/view_content&101_assetEntryId=1556825&101_type=content&101_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true#wrapper)>; Acesso em: 11 mar. 2019.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (Estados Unidos da América). **PERDAS TERRITORIAIS DA ALEMANHA DEVIDO AO TRATADO DE VERSALHES, 1919.** Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/german-territorial-losses-treaty-of-versailles-1919>>; Acesso em: 10 abr. 2019.

BELLINTANI, Adriana Lop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. 2009. 700 f. Monografia (pós-graduação) – História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CARVALHO, José Murilo. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.